

Os classificadores nominais da língua Mamaindê

David M. Eberhard
Dallas International University, E.U.A.
<https://orcid.org/0000-0002-5763-0834>

ABSTRACT: This paper describes the system of noun classifiers found in the Mamaindê language of west-central Brazil. Mamaindê is a member of the Guapore sub-group of the northern branch of the Nambikwara language family. It displays a highly polysynthetic character, visible within both nouns and verbs, with the noun classifier being an example par excellence of its rich morphology. After a brief description of the language community and broader linguistic family, the paper outlines the three functions of the Mamaindê noun classifiers: nominal modifiers, anaphoric substitutes, and verbal nominalizers. A full list of all the Mamaindê noun classifiers is given, with examples of each function provided, highlighting the productive nature of this morphological class. In the last section the metaphoric use of Mamaindê noun classifiers is addressed, a topic that provides a window into the semantic categories and ultimately the worldview of this language community.

KEYWORDS: Mamaindê; Nambikwara language family; Amazonian languages; noun classifiers

RESUMO: Neste artigo descreve-se o sistema de classificadores nominais na língua mamaindê, no Centro-Oeste brasileiro. Esta língua pertence ao subgrupo Guaporé dentro do conjunto Nambikwara do Norte, na família linguística Nambikwara. Esta família se espalha pelo norte e oeste do estado de Mato Grosso, na divisa com a Rondônia. Esta língua utiliza uma morfologia altamente polissintética, como o sistema de classificadores nominais sendo um excelente exemplo dessa riqueza. Após uma breve descrição da comunidade e da família linguística, identifica-se três funções para os classificadores nominais na língua mamaindê, são elas: 1) modificadores nominais; 2) substitutos anafóricos; e 3) nominalizadores verbais. Os exemplos dados de cada função mostram a natureza ampla e produtiva desta classe morfológica. Na última seção, a natureza metafórica dos classificadores nominais nos fornece uma ótica para melhor entender as categorias semânticas e a cosmovisão desta comunidade linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Mamaindê; família Nambikwara; línguas amazônicas; classificadores nominais

1. Introdução

1.1 O termo ‘Mamaindê’

Os falantes da língua mamaindê [código ISO:wmd] são também conhecidos pelo nome ‘Mamaindê’, um nome que originalmente não era a autodenominação do povo, mas sim uma maneira metafórica que os seus inimigos e vizinhos, os Negarotê, usavam para se referirem a eles. A palavra ‘mamaindê’ é um nome aportuguesado do termo */mamãin-si-tu/*, ‘o povo da vespa */mamais-tu/*’, um inseto muito temido nessa região pelo seu hábito de se alimentar de carcaças putrefatas. Esse nome, então, se tornou um símbolo da bravura do povo referido. A designação ‘mamaindê’ em português encontra-se pela primeira vez nos relatórios das expedições do Coronel Marechal Cândido Rondon (Rondon 1922, 1946; e Rondon e Faria 1947).

1.2 A comunidade e a língua mamaindê

A comunidade mamaindê faz parte do conjunto de povos ou agrupamentos pequenos conhecidos popularmente pelo rótulo ‘nação Nambikwara’. Embora essa designação de

‘nação’ não seja muito esclarecedora,¹ já que o conjunto é composto por povos que historicamente eram agrupamentos isolados, os povos que compõem este conjunto têm muitas características em comum, tanto culturais como linguísticas. No que diz respeito às línguas, as semelhanças lexicais e gramaticais entre elas são óbvias, o que confirma o estabelecimento da família linguística Nambikwara. Esta família linguística se espalha pelo norte e oeste do estado de Mato Grosso, na divisa com a Rondônia, entre as cidades de Pontes e Lacerda, MT, e Vilhena, RO. Ao todo, juntando todos os povos dentro da família Nambikwara, a população chega a, aproximadamente, 3000 indivíduos.

A família Nambikwara tem sido dividida tradicionalmente em 3 línguas distintas (veja Roquette Pinto 1913; Rondon e Faria 1947; Lévi-Strauss 1948; Aspelin 1975; e Price 1978), as quais são: 1) Nambikwara do Norte; 2) Nambikwara do Sul; e 3) Sabanê. Cada língua pode ser identificada por traços linguísticos bem específicos, tanto na fonologia, morfologia quanto na sintaxe. Porém, os estudos mais recentes (Telles 2002; Eberhard 2009) têm esclarecido que essa divisão entre o Nambikwara do Norte e do Sul não dizem respeito apenas a línguas distintas, mas sim a conjuntos maiores de várias línguas. O primeiro grupo, o do Nambikwara do Norte, pode ser subdividido ainda em dois subgrupos menores baseados nas áreas geográficas definidas pelas bacias fluviais da região. Um destes subgrupos menores é o grupo do rio Roosevelt, composto pelas línguas Latundê, Lakondê e Tawandê, línguas que tradicionalmente eram faladas nas áreas próximas à cabeceira desse rio.² O outro é o subgrupo do rio Guaporé, composto pelas línguas Mamaindê, Negarotê e Tawendê, cujos povos habitavam as cabeceiras dos rios Cabixi e Pardo, sendo ambos fluentes do Guaporé.³ Mamaindê, então, pôde ser melhor classificada como uma língua dentro do subgrupo Guaporé do conjunto Nambikwara do Norte da família linguística Nambikwara.

¹ Veja as críticas e comentários dos antropólogos Reesink (2007) e Miller (2007) neste sentido.

² Telles (2002: 12) também menciona os Yelelire, outro grupo Nambikwara já extinto.

³ Embora com nomes bem parecidos, os Tawendê do subgrupo Guaporé e os Tawandê do subgrupo Roosevelt não devem ser confundidos. Os Mamaindê fazem uma distinção bem clara entre estes dois grupos, tratando-os como povos distintos, o primeiro sendo considerado como tendo um parentesco mais próximo do que o segundo. Os Mamaindê também têm nomes distintos para esses dois povos, referindo aos Tawendê pelo nome /taʔwensitu/, e aos Tawandê como /taʔwanʔtu/.

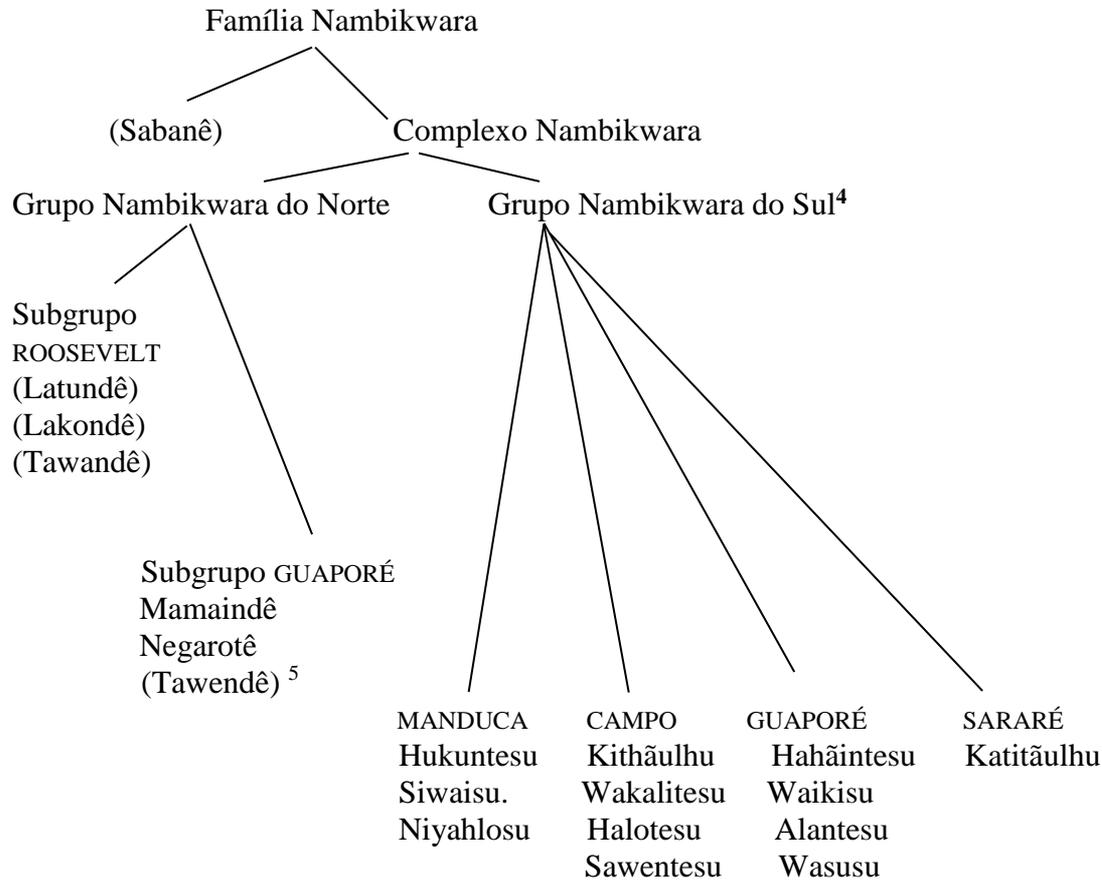


Figura 1. A família Nambikwara

(Constam aqui apenas as línguas com falantes vivos. As línguas moribundas, ou seja, apenas com falantes adultos, se encontram entre parênteses)

Os Mamaindê de hoje se encontram espalhados em cinco comunidades, todas dentro da Reserva Indígena Vale do Guaporé de Mato Grosso. Estas comunidades são: Capitão Pedro (Aldeia Central e seus arredores), Cabixi, Tucumã, Campo do Meio, e Lagoa Azul. Os dados desta pesquisa foram obtidos da fala dos membros dessas cinco comunidades entre os anos de 1994–2005. O povo Mamaindê foi registrado com uma população de aproximadamente 196 pessoas pelo censo 2006 (FUNASA 2006: 2), mas atualmente há cerca de 300 indivíduos, com mais de 200 desses morando na aldeia Central, também conhecida como Capitão Pedro.

⁴ Esta lista das línguas do Nambikwara do Sul vem de Telles e Wetzels (2011). Porém, definindo com precisão o número de variantes linguísticas nesse grupo é complicado, pois a lista varia muito de acordo com o autor. Enquanto Telles e Wetzels registram 12 variantes em 4 agrupamentos, Price (1972: 111) fala de 18 variantes, agrupados em 3 grupos (Rio Juruena – 9 variantes, Rio Galera/Guaporé – 8 variantes, e Sararé – 1 variante.). Lowe (1999: 269) classifica 12 variantes sem agrupamentos menores, e Kroeker (2001: 1) mostra uma lista de 11 variantes em 2 grupos, 5 sendo variantes do vale do Guaporé, e 5 variantes da região do rio Juruena.

⁵ Alguns descendentes dos Tawendê (*/taʔwensitu/*) ainda sobrevivem entre os Mamaindê, um fato que não é conhecido, mesmo entre os pesquisadores dos povos Nambikwara. Por isso, esse grupo não se encontra na maioria dos trabalhos linguísticos. É possível que houve vários grupos conhecidos por esse nome, já que o significado simplesmente é ‘moradores da floresta’. Price (1972) coloca Tawendê como uma língua na área do rio Roosevelt, enquanto os Mamaindê mais idosos dizem que esse grupo tradicionalmente habitava as terras ao norte do rio Cabixi. Embora não falada mais como uma língua distinta, alguns termos da língua Tawendê ainda são usadas pelos seus descendentes morando entre os Mamaindê.

Embora com alguns acréscimos, este trabalho é em grande parte a tradução de um trecho de outro trabalho da minha autoria (Eberhard 2009), escrito originalmente em inglês.⁶ Estou divulgando este material em língua portuguesa para que possa servir de consulta e leitura para os estudantes e outros interessados das áreas de linguística, letras e ciências sociais no Brasil.

2. Os classificadores nominais

2.1 A tipologia dos classificadores nominais

Conforme Aikhenvald (2000), substantivos podem ser categorizados de várias formas. A autora cita sete maneiras que as línguas do mundo usam para essa classificação: 1) classes nominais, 2) classificadores nominais 3) classificadores numerais 4) classificadores em construções possessivas 5) classificadores verbais 6) classificadores locativos, e 7) classificadores dêiticos. A língua mamaindê usa apenas uma dessas estratégias, os classificadores nominais, para categorizar os seus substantivos.

Classificadores nominais existem em muitas línguas do mundo (cf. Aikhenvald 2000, para ter uma ideia da distribuição deste fenômeno). Eles formam uma classe morfológica que funciona para classificar os substantivos conforme categorias semânticas e não gramaticais, categorias implícitas na cosmovisão dos falantes. Esta área da morfologia, talvez mais do que qualquer outra, nos fala muito sobre a cultura de um determinado povo e a forma como eles enxergam o mundo. Nas línguas da família Nambikwara os classificadores nominais são tão marcantes e tão presentes que nos ajudam a definir os membros desta família, sendo vistos, então, como elementos fundamentais no sistema morfológico de toda a família linguística. Dentro desta família, a língua com o número maior de classificadores nominais é o próprio Mamaindê com um conjunto de 24 classificadores. Nambikwara do Sul (Kroeker 2001: 44) vem em segundo lugar com 18, Lakondê tem 8 (Telles 2002: 187), e Sabanê (Araújo 2004: 113) tem um conjunto de 7 classificadores.

2.2 Os classificadores em Mamaindê e as suas funções básicas

Em Mamaindê, os substantivos são classificados pelos seus atributos físicos, uma estratégia de classificação quase universal dentro das línguas com este tipo de morfologia. Estes atributos incluem o formato das coisas sólidas (esférico, plano, alongado, apontado, etc.) e o estado físico das coisas não sólidas (pó, líquido, etc.). Outros substantivos são classificados pelas suas funções (casa, vasilha), e alguns até por características mais abstratas (tempo, lugar, gênero, seres vivos/animados, etc.).

Enquanto alguns substantivos precisam carregar o classificador obrigatoriamente, muitos substantivos não têm essa restrição.

(1) *lin²-jg-tu*

mandioca-CLN.LÍQUIDO-SNF
'chicha de mandioca'

A obrigatoriedade se impõe quando o classificador é usado para mudar o sentido da base semântica da palavra. Em todos os outros casos, o classificador é redundante e assim

⁶ Este texto não apresenta incompatibilidade ética de pesquisa sendo que é a primeira publicação da tradução em português de um texto pelo mesmo autor.

opcional. Por exemplo, até agora nunca foi registrado um Mamaindê modificar o substantivo ‘casa’ com o classificador ‘casa’. Acredita-se que essa restrição se dá por causa da redundância envolvida. Neste caso, o substantivo é sempre usado sem o classificador.⁷

(2) *sih-nĩn-tu**
CASA-CLN.CASA-SNF
‘casa’

(3) *sih-tu*
CASA-SNF
‘casa’

Além de fornecer categorias para os substantivos, o papel essencial dos classificadores em Mamaindê é de funcionar como adjetivos, sendo afixados às raízes nominais criando substantivos compostos que descrevem a coisa sendo referida de uma forma mais detalhada. Isso acontece quando o próprio nominal não é capaz de descrever adequadamente o item em questão. Um exemplo disso é o termo usado para a ‘bola de cabeça’, uma bola feita da seringa da mangava e usada no jogo do mesmo nome.

(4) *kateik-kanĩn-tu*
mangava-CLN.ESFÉRICO-SNF
‘bola (feita da seringa da mangava)’

Com esse termo o falante fornece não somente a raiz da palavra que indica a espécie da árvore envolvida, mas também o classificador que descreve o substantivo como algo esférico, e assim identifica o objeto como bola feita da seringa da mangava. Nesta construção, o classificador é essencial.

Segue uma tabela que registra todos os classificadores nominais da língua Mamaindê registrados até agora. Junto com os classificadores temos o sentido de cada um seguido por seus respectivos exemplos.

⁷ Mesmo assim, algumas construções redundantes ainda existem. Por exemplo, */nĩsa-halo-kʰu/*, ‘1P.PL-terra-CLN.TERRA’, é redundante, mas também muito comum.

Tabela 1. Os classificadores nominais de Mamaindê

OS CLASSIFICADORES NOMINAIS DE MAMAINDÊ		
Classificador	Significado	Exemplo
-t ^h ĩn -nĩn	casa/aldeia	<i>ju-k^hoʔ-t^hĩn-tu</i> beira-pendurar-CLN.ALDEIA-SNF ‘aldeia pendurada na beira (referindo à aldeia Capitão Pedro, que se localiza na beira da Chapada dos Parecis)’ <i>tq-t^hĩn-tu</i> deitar-CLN.CASA-SNF ‘casa onde está deitado’ <i>ten-nĩn-tu</i> ‘velho- CLN.CASA-SNF’ ‘casa velha’
-kalo	plano	<i>ih-kalo-tu</i> correr-CLN.PLANO-SNF ‘coisa plana que corre (veículo)’
-t ^h ãñʔ	formato de folha	<i>kaʔʒĩñʔ-t^hãñʔ-tu</i> escrever-CLN.FOLHA-SNF ‘folha para escrever (papel)’
-kanĩn	esférico	<i>lah-kanĩn-tu</i> novo-CLN.ESFÉRICO-SNF ‘coisa nova e esférica (neném)’
-k ^h atʔ <u>-k^haʔ</u>	comprido/ alongado	<i>hiuti-k^hatʔ-tu</i> árvore-CLN.ALONGADO-SNF ‘tronco de árvore/graveto’ <i>kanik-k^hatʔ-tu</i> doença-CLN.ALONGADO-SNF ‘doença’ ⁸
-t ^h ũ -nũ	pó/pasta/ granulado	<i>ʒak-ã-oʔ-t^hũ-tu</i> queixada-GEN-socar-CLN.PÓ-SNF ‘farinha socada com carne de queixada’ <i>sakĩñʔ-nũ-tu</i> areia-CLN.PÓ-SNF ‘areia’

⁸ Veja a discussão na próxima sessão sobre os sentidos metafóricos para melhor entender este exemplo.

<p>-teh -leh</p>	<p>corda/trilha/ estrada</p>	<p><i>lan-teh-tu</i> ser cheio de líquido-CLN.CORDA-SNF ‘caminho cheio de líquido (as veias)’</p> <p><i>ten-leh-tu</i> velho-CLN.TRILHA-SNF ‘estrada/trilha antiga’</p> <p><i>wakin? na-wasain?-leh-tu</i> pajé 3P-coisas-CLN-TRILHA-SNF ‘as coisas da estrada do pajé/ coisas do espírito do pajé’</p>
<p>-soʔka -soʔki</p>	<p>humano/ animado</p>	<p><i>wq-soʔka</i>⁹ vem-CLN.PESSOA-SNF ‘aquele que vem’</p>
<p>-sã -jã -na</p>	<p>líquido/fala/ gás/som/ar</p>	<p><i>lauʔnũn-sq-tu</i> tonto-CLN.LÍQUIDO-SNF ‘bebida para ficar tonto/ bebida alcoólica’</p> <p><i>toh-a-jq-tu</i> abelha-GEN-CLN.LÍQUIDO-SNF ‘mel’</p> <p><i>nahon-sq-tu</i> água-CLN.LÍQUIDO-SNF ‘chicha/ qualquer bebida adocicada em geral’</p> <p><i>set-a-sq-tu</i> falar-GEN-CLN.FALA-SNF ‘fala’</p> <p><i>kalolo-sq-tu</i> trovão-CLN.SOM-SNF ‘trovão’</p> <p><i>ʔik-sq-tu</i> soprar-CLN.AR-SNF ‘vento’</p>

⁹ Aqui o classificador ‘humano/animado’ está sendo usado de maneira mais geral referindo a qualquer coisa que está chegando, seja animado ou não. O uso deste classificador com este verbo dá o sentido de compartilhar uma qualidade humana ou viva a qualquer substantivo, tendo então a capacidade de ‘vir, vir como gente’.

-t ^h ã	grupo/ lugar/ coisa não especificada/ coisa abstrata/ verbo nominalizado	<i>ta-wain-t^hã</i> 1PS-ser.muitos-CLN.GRUPO ‘meu grupo/minha família’ <i>na-jgu-t^hã-tu</i> 3PS-ficar-CLN.LUGAR-SNF ‘lugar onde ele/ela está ficando’ <i>nũsa-ʔjaih-t^hã</i> 1P.PL-triste-CLN.COISA-SNF ‘nossa tristeza’
-si	povo/ grupo étnico	<i>walek-si-tu</i> tolo-CLN.POVO-SNF ‘o povo que é tolo (refere aos Nambikwara do Sul - nome pejorativo)’
-ki	planta/ animal ¹⁰	<i>mãin-ki-tu</i> caju-CLN.PLANTA-SNF ‘caju’
-k ^h u	terra	<i>nũsa-halo-k^hu</i> 1P.PL-terra-CLN.TERRA ‘nossa terra’
-weh	rio/córrego	<i>tukwq-weh-tu</i> trazer-CLN.RIO-SNF ‘o rio que traz (Rio Cabixi)’
-kunʔ	beira/ barranco	<i>naho-kunʔ-tu</i> água-CLN.BEIRA-SNF ‘beira do rio’
-na	área/espço	<i>taʔwen-na-tu</i> floresta-CLN.ÁREA-SNF ‘a área da floresta’
-hen	tempo	<i>waʔjona-hen-tu</i> menstruar-CLN.TEMPO-SNF ‘o tempo da menstruação’
-sen -len -k ^h en	vasilha	<i>ʔoha-wq-sen-tu</i> alto-vem-CLN.VASILHA-SNF ‘vasilha que vem no alto (avião)’ <i>siu-len-tu</i> cesta-CLN.VASILHA-SNF ‘cesta’ <i>wanini-k^hen-tu</i> girar-CLN.VASILHA-SNF ‘bicicleta’
-tunni	preta	<i>janãn-tunni-tu</i> onça-CLN.PRETA-SNF ‘onça preta’

¹⁰ Esta categoria é muito flexível e tem várias exceções.

-eiʔni	parda	<i>janãn-eiʔni-tu</i> onça-CLN.PARDA.SNF ‘onça parda’
-kalokalon	pintada	<i>janãn-kalokalon-tu</i> ¹¹ onça-CLN.PINTADA.SNF ‘onça pintada’
-ĩu	gago/gaga	<i>jaho-ĩu-tu</i> homem.velho-CLN.GAGO-SNF ‘o gago velho’
-hahau	anão/anã (ou tendo qualidades de anão/anã)	<i>taʔlohna-hahau-ta-tu</i> mulher.velha-CLN.ANÃO-FEM-SNF ‘a anã velhinha’
-kʰutʰi	aleijado/ aleijada	<i>jahon-kʰutʰi-tu</i> ¹² homem.velho-CLN.ALEIJADO-SNF ‘o velho aleijado’

2.3 Funções secundárias dos classificadores de Mamaindê

Alguns desses classificadores podem também servir como a própria raiz do substantivo, sendo então modificadas por afixos nominais, sem precisar de ter outro nominal antecedente.

(5) *teh-tu*
estrada -SNF
‘estrada’

(6) *hen-tu*
tempo-SNF
‘tempo’

(7) *na-sq-tu*
dele-fala-SNF
‘a fala dele’

(8) *na-tʰã-tu*
dele-lugar-SNF
‘o lugar dele’

A flexibilidade deste conjunto menor de morfemas traz a possibilidade contrária, ou seja, de vê-los como raízes de substantivos que às vezes funcionam como classificadores

¹¹ Tanto os três classificadores humanos como os três classificadores de cores são descritivos por natureza, uma função dos verbos nesta língua. O classificador de cores /-kalokalo/ é relacionado com a raiz verbal /kalokalo/ ‘pintado’. Mas neste caso está funcionando como classificador nominal. Só poderia exercer a função de verbo se fosse seguido por um nominalizador, que não é o caso. O resto destes classificadores descritivos (os classificadores das cores e dos seres humanos) nunca acontecem com morfologia verbal, e por isso, não podem ser categorizados como verbos.

¹² Estes últimos três classificadores se diferenciam dos outros já que definem subgrupos de seres humanos, subgrupos baseados nos portadores de deficiências físicas. Não se sabe se existe outra língua no mundo com classificadores que destacam deficiências físicas, mas pensamos que deve ser uma maneira muito rara de classificar o mundo dos seres humanos.

nominais ou simplesmente como raízes afixadas a outras raízes de forma composta. Porém, a maioria dos classificadores registrados na lista maior não tem essa flexibilidade, pois nunca acontecem sem serem afixados a um nominal (ou serem precedidos por um nominal anterior como referência). Assim, a grande maioria dos classificadores em Mamaindê nunca chega a ter a função de substantivo.

Os classificadores nominais também têm uma função discursiva muito importante. Após a introdução de um substantivo qualquer, o classificador apropriado pode ser usado como um substituto anafórico, substituindo a raiz nominal em outras referências a esse substantivo no resto do texto. Veja os exemplos mostrando essa função anafórica:

- (9) *nakatos-tu* *na-halo-k^hu* *un-jeʔ-lat^ha-Ø-wa.*
 Negarotê-SNF 3PS-terra-CLN.TERRA longe-ENF-3PS-PRES-DECL
 ‘A terra dos Negarotê é muito longe.’

nāinʔtoh *na-k^hu* *naih* *ʔqi-ten-aʔ-Ø-wa.*
 CN.MESMO.ASSIM 3PS-CLN.TERRA ainda ir-DES-1PS-PRES-DECL
 ‘Mesmo assim, ainda pretendo ir e visitar a terra deles.’

- (10) *kajat-k^haʔt-tu* *ta-ait-tu* *hat-Ø-aʔ-Ø-wa.*
 milho-CLN.ALONGADO-SNF 1PS-roça-SNF ter-3Ps-NEG-PRES-DECL
 ‘Não há milho na minha roça.’

na-hĩʔ *hāi* *k^haʔ-ã*
 COP-CN.ENTÃO.SD ele CLN.ALONGADO-SNF

haʔtĩn-sitoh-ta-lat^ha-Ø-wa.
 plantar-DESEJAR-OI-3PS-PRES-DECL
 ‘Então essas são as plantas que eu quero plantar.’

- (11) *na-ʔai-sen-tu* *halaus-jeʔ-let-Ø-nān-wa.*
 3PS-ir-CLN.VASILHA-SNF quebrar-ENF-PASS.INTERM-3PS-PASS-DECL
 ‘O carro dele quebrou.’

halaus-hĩʔ *na-sen-tu*
 quebrar-CN.ENTÃO.SD 3PS-CLN.VASILHA-SNF

nāinʔ *āun-let-Ø-nān-wa.*
 só deixar-PASS.INTERM-3PS-PASS-DECL
 ‘Então, após o carro quebrar, simplesmente o deixou e foi embora.’

As formas sublinhadas em cada exemplo acima se referem ao mesmo nominal. Quando este nominal é introduzido no início do texto, ocorre com a raiz do substantivo e seu classificador nominal. Na segunda ocorrência, ocorre sem a raiz, e o classificador toma o lugar do substantivo.

Os classificadores nominais também são importantes em outro aspecto. Eles fornecem a maneira mais comum de nominalizar um verbo em Mamaindê. Qualquer verbo desta língua pode ser nominalizado simplesmente afixando um classificador apropriado, assim permitindo que a morfologia seja altamente produtiva. Alguns exemplos desta função nominalizadora são dados abaixo.

- (12) *mãn-kalo-tu*
ser.quente-CLN.PLANO-SNF
'coisa plana e quente/ roupa'
- (13) *ta-sanĩn-sq*
1Ps-feliz-CLN.LÍQUIDO/FALA
'o meu discurso feliz'
- (14) *kanis-kanĩn-tu*
brilhar-CLN.ESFÉRICO-SNF
'a coisa esférica e brilhante/lâmpada'
- (15) *ʔqi-sen-tu*
ir-CLN.VASILHA-SNF
'a vasilha que anda/carro'
- (16) *tunʔ-soʔki-tu*¹³
rosnar-CLN.HUMANO-SNF
'aquele que rosna/piranha'

Resumindo a discussão desta parte, podemos identificar três funções para os classificadores nominais na língua Mamaindê. Estas três funções são: 1) modificadores nominais, 2) substitutos anafóricos, e 3) nominalizadores verbais. Estas funções tão distintas nos mostram a natureza ampla e produtiva desta classe morfológica.

3. Os classificadores e a metáfora

Além de estudar as propriedades gramaticais do classificador nominal, podemos chegar a um conhecimento ainda mais profundo focando na sua natureza metafórica. Estes classificadores em Mamaindê são usados de maneira cada vez mais inovadora, constantemente abrindo e ampliando as fronteiras semânticas dos substantivos da língua, fronteiras que estão sempre em fluxo, nebulosas e difíceis de fixar conforme a natureza indefinida e infinita dos contextos da linguagem (cf. Givón 1989, para um tratamento aprofundado do relacionamento entre significado e contexto). Mas, mesmo com todas as dificuldades implícitas em definir a semântica dentro de contextos culturais, os classificadores nominais em Mamaindê nos oferecem, talvez mais do que qualquer outra categoria morfológica, uma ótica para captar uma parte da cosmovisão desta cultura, observando a maneira em que os Mamaindês definem o mundo ao seu redor, tanto o físico como o abstrato.

Este olhar é também recíproco. Os elementos da língua nos ajudam a entender o contexto cultural e antropológico, e esse contexto então nos permite uma compreensão melhor da própria língua (cf. Everett 2005, para uma abordagem sobre o efeito da cultura na língua).¹⁴

¹³ Aqui o classificador humano /-soʔki/ está sendo usado para destacar uma característica humana no mundo dos animais.

¹⁴ No seu artigo importante e polêmico, o Everett (2005) introduz uma ótica contrária da hipótese Sapir-Whorf, ou seja, o Everett defende que a cultura afeta a língua, em vez do vice-versa. Esta visão tem despertado uma nova preocupação com a cultura dentro dos estudos linguísticos, uma lacuna que há muito precisava ser preenchida. Porém, é bom lembrar que na verdade essa perspectiva não é nada nova, pois tem suas raízes na antiguidade, quando o filósofo grego Epicuro de Samos (341-270 a.C.) tentou explicar a maneira como as 'essências' das etnias afetavam a 'essência' de cada língua.

A ‘beira da estrada’ pode ser descrita por dois classificadores nominais, ambos metafóricos. O primeiro é o classificador */-ju/* que fala de algo em formato de boca, ou de lábios, e pode ser usado para qualquer beirada que tem um relevo alto. Quando a beira da estrada é plana, então a escolha preferida é */-ngkʔ/*, que se refere às bochechas. O falante Mamaindê, portanto, tem à sua disposição as duas possibilidades encontradas abaixo para referir à beira de estrada, possibilidades que lembram para ele a fisionomia da face, dependendo da altura ou relevo da beirada que está sendo referida, assim como a diferença na altura ou relevo dos lábios em comparação às bochechas. O primeiro exemplo também mostra que é possível usar um par de classificadores adjacentes.

(21) *teha-ju-k^hu*
 estrada-CLN.BOCA-CLN.TERRA
 ‘o barranco alto na beira da estrada’

(22) *teha-ngkʔ-a*
 estrada-CLN.BOCHECHA-SNF
 ‘a beira da estrada, plana’

Metáforas metafísicas também se encontram nesta língua. O pajé é dono de objetos sagrados que são marcados pelo classificador */-teh/*, ‘estrada’. Esta maneira de categorizar estes objetos só faz sentido dentro de uma cosmovisão onde o papel do pajé é viajar pelo mundo dos espíritos em busca de sabedoria, de saúde, e de várias formas de ajuda. Esta viagem é facilitada pelo uso de objetos ritualísticos que são identificados com a ‘estrada dos espíritos’. Mais uma vez, o classificador nos mostra algo profundo dentro desta cultura.

Talvez um dos classificadores mais difíceis de compreender é o classificador usado com o substantivo ‘doença’. Este é o classificador */-k^hatʔ/*, ‘formato comprido’, que não faz sentido nenhum nos olhos ocidentais. Para chegar a entender o uso deste classificador temos que mergulhar um pouco no mundo do curandeiro. Quando o pajé Mamaindê exerce o papel de curandeiro, muitas vezes ele se refere à doença do paciente como um graveto ou um espinho que precisa ser retirado. Para o pajé, esse graveto é um objeto de natureza espiritual, deixado ali por um espírito maligno. O tratamento é chupar o lugar afetado do corpo do paciente até o graveto ser retirado. Quando isso é feito com êxito, o pajé começa a cuspir até finalmente tirar o graveto da sua boca, e então pronunciar o paciente ‘curado’. Às vezes, o pajé até mostra um graveto ou espinho pequeno na sua mão e fala ‘olha aqui a sua doença’. Todas as doenças tradicionais dos Mamaindês são vistas como tendo origens espirituais, causadas pela invasão de um espírito maligno no corpo da vítima (as doenças trazidas pelo homem branco não têm essa origem espiritual, e o pajé então não tem nenhum poder sobre elas).

Na visão dos mamaindês, o graveto (ou espinho, ou dente) dentro do paciente pertence a uma planta ou objeto que no mundo real é a ‘casa’ desse espírito. Quando o pajé então insere um pedaço dessa planta ou objeto dentro da sua boca e chupa o corpo do paciente, a lógica os leva a entender que o espírito maligno dentro do paciente é então obrigado a retornar para a casa dele, ou seja, para o objeto dentro da boca do pajé. O autor tem presenciado este processo muitas vezes na cultura Mamaindê. De acordo como os estudos do Beyer (2009) no Alto Amazonas, e os estudos mais gerais do Harner (1980: 16-17, 113-123), o uso de um graveto, ou espinho, ou dente, ou outro objeto pequeno desse tipo é muito comum na prática universal da pajelança, e o ritual de chupar o local afetado para retirar esses objetos tem sido

documentado em culturas animistas no mundo afora, mesmo em culturas bem distantes umas das outras e sem nenhuma relação histórica.¹⁶

O que é relevante para nossa discussão aqui é o fato de o termo ‘doença’ em Mamaindê incorporar o classificador nominal */-khat/*, ‘formato.comprido’, assim ligando dois conceitos, ‘doença’ e ‘formato.comprido’, algo que a grande maioria das cosmovisões dentro das outras culturas não tem como compreender.

(23) *kanik-k^hatʔ-tu*

doença-CLN.FORMATO.COMPRIDO-SNF
‘doença’

Enfim, um conhecimento mais acurado do contexto cultural Mamaindê nos mostra que o classificador está simplesmente verbalizando uma metáfora metafísica já existente dentro das crenças dessa sociedade, a crença de que a doença pode ser simbolizada, tanto de maneira física como abstrata, por um ‘graveto espiritual’ dentro do corpo do paciente.

4. Conclusão

Fechamos aqui esta discussão sobre o uso dos classificadores nominais na língua Mamaindê. A segunda parte deste artigo, mesmo não sendo um estudo empírico, tem valor pelo simples fato de levantar conexões interdisciplinares que precisam ser levadas em conta para chegarmos a um conhecimento melhor desta língua. Espero que a estreita ligação entre a cultura e o repertório linguístico de um povo, demonstrada nestas páginas, possa ser apreciada pelo leitor, tanto dentro desta comunidade, como qualquer comunidade linguística do mundo.

Lista de Abreviações:

1PS	PRIMEIRA PESSOA SINGULAR
1P.PL	PRIMEIRA PESSOA PLURAL
3PS	TERCEIRA PESSOA SINGULAR
CLN	CLASSIFICADOR NOMINAL
CN	CONECTIVO
COP	CÓPULA
DECL	DECLARATIVO
DES	DESIDERATIVO
ENF	ENFÁTICO
GEN	GENITIVO
INTERR	INTERROGATIVO
NEG	NEGATIVO
OI	OBJETO INDIRETO
PASS	PASSADO
PASS.INTERM	PASSADO INTERMEDIÁRIO
PRES	PRESENTE
SD	SUJEITO DIFERENTE (DENTRO DE SISTEMA ‘SWITCH REFERENCE’)
SNF	SUFIXO NOMINAL FINAL (MARCADOR DE SUBSTANTIVO NÃO OBRIGATÓRIO)

¹⁶ Enquanto vários objetos pequenos podem ser utilizados pelo pajé para simbolizar a doença, o graveto parece ser o símbolo mais genérico dentro da cultura Mamaindê.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y (2000). *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press.
- Araujo, Gabriel Antunes de (2004). *A grammar of Sabanê, a Nambikwaran language* (Tese de doutorado). Amsterdam: Vrije Universiteit.
<https://www.lotpublications.nl/a-grammar-of-sabane-a-grammar-of-sabane-a-nambikwaran-language>
- Aspelin, Paul Leslie (1975). *External articulation and domestic production. The artifact trade of the Mamaindê of north-western Mato Grosso* (Tese de doutorado). Ithaca, New York: Cornell University.
- Beyer, Stephan (2009). *Singing to the plants: A guide to mestizo shamanism in the upper Amazon*. Albuquerque, New Mexico: UNM Press.
- Eberhard, David (2009). *Mamaindê grammar: A Northern Nambikwara language and its cultural context* (Tese de doutorado). Utrecht, The Netherlands: LOT Publications.
<https://research.vu.nl/ws/portalfiles/porta/42183918/mamainde+grammar+-+complete+version.pdf>
- Everett, Daniel (2005). Cultural constraints on cognition and grammar in Pirahã. Another look at the design features of human language *Current Anthropology* 46(4): 621-646. <https://doi.org/10.1086/431525>
- FUNASA (2006). *Censo*. Ms. Vilhena, Rondônia: Fundação Nacional de Saúde.
- Givón, T. (1989). *Mind, code, and context*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Harner, Michael (1980). *The way of the shaman*. New York: Harper Row.
- Kroeker, Menno (2001). A descriptive grammar of Nambiquara. *International Journal of American Linguistics* 76(1): 1-87. <https://doi.org/10.1086/466446>
- Lakoff, George; Johnson, Mark (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lévi-Strauss, Claude (1948). The Nambicwara. In Julian H. Steward (ed.), *Handbook of South American Indians*, vol. 3, pp. 361-369. Bureau of American Ethnography, Bulletin 143. Washington D.C: Smithsonian Institution.
- Lowe, Ivan (1999). Nambiquara. In R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, pp. 268-291. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Miller, Joana (2007). *As coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa para os Mamaindê*. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Price, David (1972). *Nambiquara society* (PhD dissertation). University of Chicago.
- Price, David (1978). The Nambiquara linguistic family. *Anthropological Linguistics* 20: 14-37.
<https://www.jstor.org/stable/30027610>
- Reddy, Michael J. (1993). The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*, pp. 164-201. Cambridge: Cambridge University Press.
- Reesink, Edwin (2007). Who are the Nambikwara? On names, partialities and people. In W. Leo Wetzels (ed.), *Language endangerment and endangered languages and cultures of the Andean-Amazonian border area. Indigenous languages of Latin America Series (ILLA)*, pp. 249-268. Leiden, The Netherlands: Leiden University, Publications of the Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS).

- Rondon, Cândido Mariano da Silva (1922). Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Publicação n. 68. Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas*. (Comissão Rondon). Rio de Janeiro: Leuzinger.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva (1946). *Índios do Brasil*, vol. 1. Publicação 97. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva; Barbosa de Faria, João (1947). Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte de Brasil. *Publicação 76 da Comissão Rondon*, Tomo 1, Anexo 5. Conselho Nacional de Proteção ao Índio/Ministério da Agricultura.
- Roquette-Pinto, Edgar (1913). Os índios Nhambiquara do Brasil-Central. *Proceedings of the 18th International Congress of Americanists*, 382-387. London: Harrison and Sons.
- Telles, Stella (2002). *Fonologia e gramática Latundê/Lakondê* (Tese de doutorado). Vrije Universiteit, Amsterdam (Ms.).
- Telles, Stella; Wetzels, W. Leo (2011). La famille Nambikwara. In Emilio Bonvini; Joëlle Busuttli; Alain Peyraube (orgs.), *Dictionnaire des langues (1ed.)*, pp. 1460-1474. Paris: Presses Universitaires de France.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Este texto não apresenta incompatibilidade ética de pesquisa sendo que é a primeira publicação da tradução em português de um texto pelo mesmo autor.

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

A contribuição do autor inclui a pesquisa, a elaboração do texto, e a tradução inicial em português.

ÉTICA EM PESQUISA

Estes dados foram obtidos durante a pesquisa para a versão original da minha tese de doutorado entre 2005-2009. Foram coletados com a autorização dos falantes mamaindê e do cacique mamaindê da aldeia Capitão Pedro.

FINANCIAMENTO DA PESQUISA

Pesquisa financiada pela SIL International.

Recebido: 14/2/2022

Versão revista: 1/7/2022

Aceito: 13/07/2022

Publicado: 5/8/2022